

O meio intellectual do Ipú (1)

(Subsidio para a sua historia).

Estudando-se a formação litteraria de um povo, investigando-se o seu meio intellectual para aquilatar-se do seu desenvolvimento, torna-se preciso volver as vistas ao passado, procurar a historia dos seus primeiros dias, vêr ainda como elle se formou, como evoluio, emfim, quaes as causas contribuidoras dos diversos periodos de transição que o mesmo foi experimentando com o decorrer dos tempos, para depois «tirar as conclusões necessarias».

E' este o pensar do festejado autor d'*A Poesia de Amanhã* (2) quando sentencia: «antes de philosophar é preciso reunir factos. Sem isso, não ha raciocinio sólido».

«Sempre que se procura saber qual será o destino de qualquer instituição, o que primeiro se impõe é o estudo de sua origem e evolução. Sabido de onde uma fórma proveio, como cresceu, como evoluio, tem-se uma especie de curva, que se pode representar mais ou menos graphicamente e que permittirá então deixar adivinhar como seguirá o resto do seu traçado.

---

(1) *Ipú*—Chamam ainda hoje no Ceará certa quantidade de terra muito fertil, que fórma grandes corôas ou ilhas no meio dos taboleiros e sertões, e é de preferencia procurada para a cultura. D'ahi se deriva o nome dessa comarca da provincia—*José de Alencar—Iracema*, pag. 201.

(2) *Medeiros e Albuquerque*--Revista da Academia Brazileira, vol. I, fasc. I, pag. 41.

«Si alguem verificar que todos os pontos de uma extensa curva estão distribuidos em torno de um ponto central, de que se acham rigorosamente equidistantes, não precisa grande capacidade divinatoria para completar aquella curva: ella deve ser um circulo. Não póde mesmo ser outra cousa. Si, porém, a parte conhecida da curva tiver certos caracteristicos da hyperbole, da parábola, nenhum geometra se enganará». (3)

Tomando por escopo as palavras que ahi ficam, vemos que o primeiro periodo da formação litteraria do Ipú foi estacionario, senão embryonario, o que—força é confessar—foi devido, talvez, ao estado anarchico em que sempre se encontrou o povoado de então, a braços com luctas sanguinolentas que pareciam interminaveis, forçado o seu povo ao uso continuo de armas para a defeza de seus direitos. Tudo está justificado na historia contemporanea ao tempo em que o pequeno povoado pertencia á freguezia de S. Gonçalo da Serra dos Côcos, avassalado, nesse tempo, por u'a horda de malfeitores, campeantes em toda zona, sem o respeito e moralidade devidos ás autoridades constituidas do logarejo, roubando aqui, matando alli, deshonrando acolá, dura contingencia que levou o ordeiro e pacato povo do Ipú «a usar tambem das armas para a defeza do punhal do assassino».

Foi esta u'a epóca estacionaria de formação litteraria ipuense. O tempo mal chegava para os sobresaltos continuos de sua população...

Surgio, porem, o dia da redempção, aquelle que iria assignalar a phase de prosperidades tão ardentemente ambicionada. Foi ao tempo em que era elevado á categoria de villa o antigo povoado, ficando desmembrado da de Campo Grande a que pertencia. (4)

---

(3) *Ibidem.*

(4) O decreto que elevou o povoado do Ipú á categoria de villa tem o numero 200 e data de 26 de agosto de 1840.

Sobre esse acontecimento fala um historiador contemporaneo: (5)

«As autoridades trataram de perseguir os criminozos, havendo novas luctas e novas scenas de morticinio, sendo a ultima em 1846, por occasião de um assalto á villa, quando exercia as funcções de delegado—Manoel Ribeiro Mello, que alem de outros foi assassinado com dois guardas, morrendo na lucta o chefe do assalto—José de Barros Mourão.

«Com a passagem da villa deixou a freguezia de S. Gonçalo o padre Francisco Correia de Carvalho e Silva, mudando-se para o Ipú.

«O padre Correia, homem intelligente, amante da instrucção e de sentimentos humanitarios, muito concorreu para a pacificação da localidade, já como politico, já como ministro da egreja.

«Com a chegada delle, a familia ipuense sentio-se forte ao lado do pastor exemplar.

«Era elle uma dessas intelligencias robustas, um desses caractéres de bronze que não trepidava nas luctas em prol da santa causa da religião.

«Amante do trabalho, era tambem eximio agricultor.

«Foi assim que os habitantes do Ipú passaram por aquella epóca de horrores e vexames, constituindo depois em seu lar a verdadeira paz, que ainda hoje reina».

Data, pois, desse tempo, o inicio da formação mental dos ipuenses, quando se viram a salvo das investidas dos seus aggressores, collaborando elles para o engrandecimento do berço nativo, enriquecendo e valorisando as lettras patrias com a farta mésse de estimulo de que são possuidores.

Tudo isto, porém, é relativo, na altura do desenvolvimento do meio acanhado de suas explorações.

*
* *

---

(5) *Herculano José Rodrigues—Fundação do Ipú.*

A vida intellectual do Ipú começou a movimentar-se, teve os seus primeiros passos, na exploração da arte dramatica, talvez, reconhecidos os seus pontificadores, ao ensinamento do grande Alencar dando o theatro como uma escola, meio pelo qual melhor seria diffundida a instrucção, as luzes surgiriam.

Explorar a arte dramatica, conhecer os seus segredos, estudar as suas multiplas ramificações é o primeiro emprehendimento do moço sertanejo, que desapegando-se do convencionalismo natural ao meio de sua convivencia, empregando a sua actividade na occupação de trabalhos ronceiros proprios desse *habitat*, aspira, com a sua alma ingenua, um ambiente mais saturado, deseja galgar outras posições elevando o seu espirito a regiões desconhecidas

Foi o theatro que primeiro concorreu para a formação litteraria deste povo na enscenação de peças de escriptores nacionaes, figurando entre ellas as obras de Alencar e Macedo, introductores do theatro do romantismo—o que ha de melhor no theatro brazileiro—como affirma José Verissimo. (6)

A primeira aggremiação dramatica installada no Ipú denominou-se—*Sociedade Dramatica Ipuense* e teve como fundadores os jovens de então Thomaz de Aquino Correia e Sá, Felix Candido de Souza Carvalho e Mello Andrade. Sua existencia foi ephemera—um meteoro que passou—e os seus contemporaneos cercam a sua vida de episodios os mais divertidos, dando, todavia, a sociedade ao publico um attestado de sua curta duração e do seu evoluir. Algumas peças foram representadas com geral agrado.

Seu desapparecimento, pouco tempo depois da installação, foi glosado em toda a cidade, constituindo, por alguns mezes, a nota do dia obrigada ás palestras de calçadas, habito peculiar ao povo sertanejo.

---

(6) *José Verissimo — O Theatro brazileiro — Conferencia feita* no *"Conservatorio Dramatico de S. Paulo" em 12 de outubro de 1910.*

Teve um desfecho comico a morte do primeiro nucleo de arte ipuense, sendo victima— permitta se-nos o paradoxo—de um improvisado incendio abrangendo os haveres particulares do thezoureiro e os da sociedade, salvando-se unicamente duas moedas de dobrões—oitenta réis—aliás refractarios ao fogo!...

E entre a desconfiança dos associados e galhofas do populacho desapparecia para sempre a promettedora associação, a primeira que nascera exclusivamente para marcar a era de inicio da vida intellectual do Ipú.

O espirito persistente e comprovado de Thomaz Correia e a tenacidade reconhecida de Felix Candido não sentiram desfalecimentos, pelo contrario, mais animou-os. Poucos annos depois—1886—apparecia uma segunda aggremiação—esta exclusivamente de lettras—o *Gabinete Ipuense de Leitura*, figurando mais, além daquelles dois fundadores, o padre João José de Castro, vigario da parochia e seu primeiro presidente, o major Antonio Francisco de Paula Quixadá, o então academico Francisco Ximenes de Aragão e José Candido de Souza Carvalho.

Este nucleo, melhor apparelhado, floresceu, teve uma vida mais demorada e no periodo de tres annos, sem a menor solução de continuidade, constituio o ponto para onde convergia o escól litterario daquella epóca.

O cultivo das lettras foi então uma realidade. O gosto pelo estudo predominou entre seus associados, cuja matricula subio a 114.

O *Gabinete* manteve regular bibliotheca, chegando a catalogar para mais de 700 volumes dos escriptores em vóga, mais lidos e mais procurados naquellas éras.

De suas memorias destaca-se a conferencia que em seus soffriveis salões proferio o erudito dr. Raymundo de Farias Britto, já, nesse anno, com o justo renome de que é hoje possuidor, e mais a commemoração civica levada a effeito no dia em que chegou a noticia da erecção da villa á cidade.

Foi um acontecimento notavel para o Ipú—diz um contemporaneo—o desenvolvimento dessa imponente festa, tocando ás raias do delirio.

Quiz o destino, entretanto, qué o *Gabinete de Leitura* passasse pelo mesmo cadinho de suas congeneres, desapparecendo do numero das associações cheias de vida e trabalho.

Por motivo de ordem social, sob proposta de um consocio de genio mais alegre e folgasão o *Gabinete* mudava de categoria, isto é, passaria a explorar terreno diametralmente opposto ao primitivo de sua congregação. Dos dominios das massudas palestras litterarias, onde somente predominava o exquisito gosto pela leitura dos classicos, muito em vóga naquella epóca e aliás productivos, em todos os tempos, passaria para os de Terpsychore, em demasia improductivos.

Desfructando este campo antagonico, improprio, deixando o *Gabinete* de ser litterario para tornar-se dançante, foi o bastante para em breve desapparecer, abandonando de vez a sua bibliotheca, já reputada como uma das melhores dos sertões cearenses.

Morreu o *Gabinete Ipuense de Leitura* e o meio intellectual muito perdeu com o seu desapparecimento.

Outras associações, no genero, posteriormente á morte do *Gabinete*, foram installadas. Temos conhecimento de mais duas—*Cassino Ipuense* e *Recreio Dramatico*, figurando nelles os nomes dos srs. drs. Paulino Cruz, José Austrégesilo Rodrigues Lima, pharmaceutico Thomaz Correia, Abilio Martins, Julio Cicero Monteiro, Joaquim Medeiros, o então seminarista Maximiano Pinto da Rocha e Francisco das Chagas Alves.

Ambas, porém, tiveram a sorte das rosas de Malherbes, deram um signal de vida para morrerem no proprio nascedouro.

***

Segue-se a epóca de apparecimento de publicações. Primeiramente—em honrozo lugar—depara-se com o *Almanaque Ipuense*, sob a direcção do sr. Herculano José Rodrigues, esforçado cultor das lettras patrias.

Conhecemos apenas dois volumes desse pequenino

e interessante annuario, julgando mesmo que foram elles os unicos de sua vida.

Sem querermos fazer um estudo das minusculas paginas desse repositorio, ou ainda sugeital-o «ao crisol da critica, ao cadinho da analyse», vemos que, de alguma fórma contribuio elle para o desenvolvimento das lettras da terra, pelo menos, durante os dois annos de sua existencia, foi o reproductor das locubrações litterarias dos seus dignos filhos, animando-os no cultivo das mesmas, emfim, prestou farto contingente de estimulo á formação mental desse povo. E' patente, inconteste, o concurso prestado pelo *Almanaque Ipuense* ás letras do Ipú.

Nos dois exemplares a que alludimos encontram-se, honrando as suas paginas: Herculano José Rodrigues, em assumptos historicos; Thomaz Correia, (*T. C.*) poesia; Manoel Coêlho, prosa; Julio Cicero Monteiro (*Jacehy*) prosa.

Compendiando-se o *Almanaque Ipuense*, fonte de informações praticas, comprehende-se o quanto de esforço despendeu o seu organisador, procurando dotar a terra de seu berço com um repositorio digno na altura do desenvolvimento intellectual de seus conterraneos.

O seu apparecimento—no anno de 1900—veio preencher uma lacuna de que há muito se resentia o meio litterario ipuense, e o sr. Herculano José Rodrigues «rompendo alguns embaraços que se apresentam na vida litteraria», como elle proprio o confessa no preambulo de seu livrinho, offereceu á opinião publica um trabalho, senão «perfeito que possa ser apreciado por aquelles que conhecem a grandeza da arte», pelo menos um attestado solemne do seu grande emprehendimento, no qual se vê «a sua força de vontade e o seu desejo ardente de prestar um concurso á causa das lettras do Ceará.

Não é conhecida a critica do *Almanaque Ipuense*, mas, por mais acerba e ingrata que ella fôra, somente a declaração de seu autor, penitenciando-se e declarando jamais ter tido pretensões a litterato—«tendo como primeiro sonho o engrandecimento de sua patria, que ama extremecidamente»,—era o quanto bastava para exi-

mil-o das faltas que, por ventura, notadas fôrem, nas centenas de paginas de seus dois mimosos opusculos.

***

O terceiro periodo de rejuvenescimento das lettras ipuenses foi o que começou a ser cultivado por meio da imprensa, a bella manifestação do progresso de um povo.

A principio—devido talvez ao meio escasso da vida dos sertões, baldo de communicações—ella surgio, nesta plaga, em epócas indeterminadas, feita caprichosamente á mão, em cujas pequeninas columnas de seu orgão, de caractéres disformes, demonstrava-se o acendrado e devotado amor das lettras. Esta especie de imprensa, muito usual nas paragens sertanejas, reputamol-a prejudicial, por que quasi sempre, com honrosas excepções, ella degenera em pasquins detestaveis, tresandando, na maioria dos casos, em uma linguagem abjecta, em um vocabulario nojento, improprio do meio, alimentando, continuadamente, intrigalhadas vis e mesquinhas no seio das familias locaes, introduzindo se no lar respeitavel, atassalhando a honra alheia e quejandas miserias.

Felizmente—para honra do glorioso povo do Ipú—ella teve, nesta cidade, os seus orgãos, todos cheios de uma linguagem decente na altura dos conhecimentos de seus inventores, demonstrando unicamente o muito desejo que elles tinham na aprendisagem do jornalismo

Foi esta imprensa aqui representada em differentes phases: primeiramente pelo *O Sol*, tendo como redactores Thomaz Correia e Felix Candido, seguindo se-lhe *A Brisa*, ainda da responsabilidade de Thomaz Correia, Felix Candido e José Candido; *O Espelho*, de Eduardo Saboya (7), jornalzinho que durou mais de um anno; e o *Paladino do Progresso*, de Julio Cicero Monteiro, Felix Porphyrio de Souza e Herculano José Rodrigues.

---

(7) O nome de Eduardo Saboya é acatado no jornalismo brazileiro. Actualmente, com galhardia, representa elle o seu Estado natal, na Camara Federal.

Após a fartura de jornaes manuscriptos, surgio na arena jornalistica indigena o primeiro periodico impresso. *O Ipuense*, sob a direcção de Julio Cicero Monteiro, tendo como collaboradores diversos intellectuaes da terra Esse jornal foi o primeiro do Ipú. Era hebdomadario e chegou a publicar 20 numeros consecutivos. (8)

Com o desapparecimento d'*O Ipuense* foi publicado depois—*A Cidade do Ipú*, tendo como redactor principal o sr. Jovelino de Souza. Nesse periodico collaboraram Felix Candido, A. Marrocos e Telles de Souza, em assumptos divérsos.

A epóca, porem, que mais repercutio na zona, foi a que brilhou, por algum tempo—periodo de março a novembro de 1913—com a *A Gazeta do Sertão*, esta alcandorada e interessante *Gazeta*, filha da cerebração de Leonardo Motta, espirito talhado para as lides jornalisticas, e que, embora nascido em outro recanto do Ceará e ligado ao Ipú pelo coração, aqui vio medrarem as suas aspirações de visionario, unindo o seu nome á respeitavel familia ipuense.

Longe de ferir o amor proprio de outrem, affirmamos o seguinte: o periodo em que se publicou a *Gazeta* foi o de maior effervescencia nas lettras da terra pelo abundante contingente, que ella offereceu para a sua historia litteraria.

Hebdomadariamente as suas columnas traziam um attestado exhuberante do *fervet opus* intellectual. Suas paginas vinham sempre prenhes de escriptos de Abilio Martins (*Kiamil*, como elle assignava as suas chronicas), Souto Maior, Apollonio de Barros, Léo Martin e outros, inclusive a parte insulsa do autor destas linhas.

---

(8) Segundo o catalogo de jornaes do Ceará, organisado pelo sr. J. B. Perdigão de Oliveira, *O Ipuense* saio no anno de 1890, tendo de existencia pouco mais de um anno. No seu Catalogo da Imprensa Cearense publicado por occasião do 1.º Centenario da Imprensa no Brazil o Dr. Barão de Studart alem das informações exaradas dá o *Ipuense* como tendo apparecido a 24 de Outubro de 1890 e saido da Typ. da *Ordem* de Sobral.

O lado mais pesado era entregue ao seu director, verdadeiro polygrapho destinado a futuro promissor no jornalismo, carreira de sua predilecção.

A *Gazeta*, por força de circumstancias momentosas—a retirada temporaria desta cidade do seu director—suspendeu a sua publicação.

*
* *

Perfilemos, nominativamente, as individualidades litterarias do Ipú.

Em primeiro plano destaca-se o vulto de Raymundo de Farias Britto. (9) Neste, fazendo-se o seu elogio, ficam bem as palavras do perfil de Gama Rosa: «um grande espirito progressivo, illuminado pela cultura das idéas geraes, pensador e philosopho». (10)

Farias Britto orgulha-se hoje da victoria conseguida no disputado concurso da cadeira de logica no Collegio Pedro II, no Rio de Janeiro, e no qual figurou o maior intellecto brazileiro, tendo como competidor, entre outros, o vulto soberanamente respeitado nas lettras patrias, «o talento vibrante, barbaro e dyonisiaco de Euclides da Cunha», o autor dessa monumental obra que apontou ao mundo o seu valor—*Os Sertões*.

Farias Britto—consummado autor da *Finalidade do Mundo*—occupa hoje a cadeira que disputara a principio com invejavel erudição, cujo accesso lhe coube pela morte de Euclides da Cunha, sem que, entretanto, lhe fosse desairosa essa nomeação, a que, aliás, tinha direito, primitivamente, pela classificação que obtivera no concurso.

O justo renome de que elle gosa, como respeitado philosopho e jurista consummado, é uma gloria para este solo

---

(9) O dr. Raymundo de Farias Britto nasceu na villa de S. Benedicto, deste Estado, sobre a serra da Ibiapaba. Veio, porém, para o Ipú, em tenra edade, e aqui teve os seus primeiros ensinamentos.

(10) *Gama Rosa*, biographia publicada no *Almanaque Brazileiro Garnier*, anno 1914, pag, 401.

do Ceará que se honra de possuir um illustre filho adoptivo occupando posição avantajada no meio intellectual do paiz.

Ao lado do dr. Raymundo de Farias Britto vemos ainda os nomes dos srs. drs. Theodureto Carlos de Farias Souto e Felix Candido de Souza Carvalho, este actualmente desembargador do Tribunal da Relação do Estado, encomiado nas lettras juridicas pelo vasto preparo que possue.

São estes os nomes dos ipuenses em destaque na litteratura nacional, os quaes, por força das conveniencias, emigraram do patrio lar. Lá fóra, porém, elles melhor ennobrecem o nome da terra querida, elevando-a dignamente.

Vejamos agora aquelles que, de presente, cultivam a litteratura nas suas multiplas ramificações.

Obedecendo a ordem chronologica que deve presidir estas investigações, destaca-se, primeiramente, o nome de Thomaz de Aquino Correia e Sá, o popular Thomaz, o idolo da familia ipuense, um benemerito emfim pelos relevantes serviços que vem prestando á causa da humanidade e ao seu berço nativo, como pharmaceutico que é.

Nas horas que lhe sobram dos seus affazeres quotidianos não é difficil vêl-o sempre em sua banca de trabalho, de livro aberto, absorto em suas paginas, talvez, tendo em mira o *fugit irreparabile tempus* dos romanos.

Delle conhecemos varios trabalhos poeticos e não nos furtamos em transcrever uma das suas melhores producções, trabalho que, publicado, mereceu a honra de ser transcripto em varios jornaes do norte e sul do paiz.

E' um soneto triplice, como elle o denomina, pela original fórma de sua confecção, podendo ser lido de uma só vez ou de tres fórmas, á vontade do leitor

Neste paciente trabalho Thomaz Correia perfila o typo de Iracema «a morena virgem dos labios de mel» de quem se occupou o genio de José de Alencar.

Vejamos o bello soneto:

Da canella gentil
Roubaste a bella côr
P'ra teu collo gracil,
Oh! minha flôr

Teus labios de coral
De volupia e amor,
Formam puro idéal,
Verdadeiro primor.

Q' belleza pôs Deus
Nos meigos risos teus,
Nos olhos tão gentis,

Na bocca de carmim,
Um beijo, ai de mim!
Far-me-ia ser feliz

Selvagem linda
Genio idéal,
Tens graça infinda,
Celestial.

Labios ardentes
Na bocca breve
Cercando dentes
Frócos de neve.

Que graça immensa,
Que chamma intensa
No puro olhar!

Quanta doçura
Que gran ventura
Eu te adorar!

De suas *Quadras Singelas:*

Um beija-flôr já vi morto
Ao pé de verde roseira,
Deu-lhe a morte agudo espinho
De uma rosa traiçoeira.

Quantos corações não há,
Que vão em busca do amôr,
E vão nisso achar a morte
Como o pobre beija flôr.

São estas duas quadrinhas, leves e subtis, tiradas a esmo de uma collectanea, onde encontramos diversas com o titulo acima, todas justificando o pendor do poeta.

* * *

De Abilio Martins nada conhecemos em materia de poesia, que elle cultiva com perfeição, com o rithmo e expressões adequados ao verso.

Dizem que são muitas as suas producções poeticas, algumas transformadas em lettra de fôrma, mas baldado foi o nosso esforço em procural-as, pois não tivemos a felicidade de lhes pôr as vistas.

Abilio Martins vive actualmente com o espirito obcecado, despendendo a sua actividade na politica do Estado, da qual é um dos esteios Mesmo assim, em épocas indeterminadas, publicou uma serie de chronicas na *Gazeta do Sertão*, occultando-se sob o pseudonymo de *Kiamil*. Seus escriptos eram leves e maneirosos, deleitando o espirito daquelles que liam o attestado vibrante de sua esclarecida intelligencia.

Como prova frisante desta asserção vejamos a esplendida chronica em que elle glosava um cachorro da superintendencia de nossa via-ferrea:

> «Um bello dia, appareceu, assombrando a burguezia, um inglez carrancudo e solemne, a viajar na companhia de um cachorro n'um vagon de primeira do horario da *Sobral*. Viajava o par isolado e só num vasto carro vasio.
>
> «Ensardinhados, acotovellando-se, aborrecidos e fatigados, centenas de passageiros se amontoavam na escassez de espaço de um vagon menor a murmurar da exquisitisse do privilegio concedido aos dois exoticos viajantes.
>
> «O caso com effeito era novo e tinha graça.
>
> «Emquanto a velocidade do comboio transpunha as distancias o inglez dormia e, de sentinella o cachorro velava.
>
> «Os passageiros simples e ingenuos pasmavam da maneira como aquellas duas creaturas se comprehendiam e eram tão privilegiadas.
>
> «Descobrio-se depois, com certo esforço, que o inglez sombrio era o director da estra-

da, mas o que não se descobrio afinal foi a posição administrativa do cachorro.

«O caso na verdade era novo e vinha quebrar, de sopetão, a praxe democratica que a passada administração, de brazileiros, adoptara.

«Isto de viajar, em commum, em promiscuidade plebéa, não é para saxão que se prese nem para cachorro que se acamarade com inglez.

«Não houve protesto por que o povo desta região não sabe protestar. . »

. . . .

. . . .

Está feito o seu elogio.

*
* *

De Souto Maior, (11) filho de outro solo, embóra, mas dedicando toda a sua actividade a esta terra, despendendo aqui toda a energia de sua intelligencia, nada conhecemos firmado pelo seu nome individual As paginas da *Gazeta*, como um dos redactores que era, deram provas cabaes de seu preparo.

Sabemos, entretanto, que conhece o segredo da arte de versejar, e que conseguio, ainda aos tempos de academia, vêr uma das suas producções poeticas premiada, em primeiro lugar, em um concurso de lettras levado a effeito na terra dos Andradas por uma das suas revistas litterarias.

Denominava-se *Exilado*, e nos quatorze versos desse soneto o poeta soube, com arte e inspiração, firmar os creditos de sua intelligencia privilegiada.

---

(11) O dr. Souto Maior (Ubaldino Maciel) é filho do Estado de Pernambuco. Reside actualmente no Ipú onde demora seguramente ha seis annos.

Com muita ufania o nosso perfilado guarda o manuscripto de um trabalho de psychologia, em que faz um estudo comparativo dos sertões do Estado de Pernambuco e Ceará.

Aguarda momento opportuno para sua publicação.

*
* *

De Herculano José Rodrigues o seu elogio está feito: deve-o ao muito esforço despendido na publicação do seu *Almanaque Ipuense*.

São diversos os escriptos publicados, avulsamente, por esse operoso filho do Ipú, na sua maioria sobre assumptos historicos, o que cultiva com geito e reconhecido gosto.

E' quem mais tem escripto sobre a historia do Ipú.

*
* *

De Manoel Coêlho, que tambem cultiva as lettras, conhecemos apenas alguns trabalhos, em prosa, publicados em paginas do *Almanaque*.

E' moço e esperançoso e se continuar a cultival-as, estudando, certo contribuirá com o seu esforço para o desenvolvimento do meio intellectual de seu torrão natal.

*
* *

De Augusto Passos, intelligencia reconhecida, mas não cultivada, conhecemos apenas alguns trabalhos juridicos,—um publicado em folhetos – nada tendo produzido até hoje, litterariamente falando.

Dedicando se aos livros, moço que ainda é, indubitavelmente prestará, de futuro, seu contingente ao progresso das lettras locaes. Intelligencia não lhe falta.

*
* *

De Julio Cicero Monteiro, infatigavel batalhador das lettras, dado a assumptos linguisticos, sua predilecção, são diversos os attestados de seu bem formado intellecto. Varios são os seus escriptos que correm esparsos em jornaes e revistas do paiz

A seus pés co'a fereza submettida,
Devem prostrar-se o bravo e o indomavel
E tudo quanto é firme ou é instavel:
Porque em tudo seja obedecida.

Ella fraca? Ella é forte e altaneira,
Como filha ou esposa idolatrada
Tem a força e valor d'uma guerreira.

A mulher só nasceu p'ra ser amada,
Para reinar no mundo e ser primeira
E dos homens querida e venerada.

E' este soneto um dos melhores attestados do valor de Julio Cicero Monteiro, no verso.

***

De Leonardo Motta, ipuense pelo coração, a sua individualidade litteraria, os seus surtos de poeta, a sua reputação emfim, abrangem um meio mais desenvolvido que este, pois pertence elle a essa pleiade illustre de litteratos cearenses, essa brilhante geração de moços que tem como representantes Antonio Sallas, Frota Pessoa, Cruz Filho, padre Antonio Thomaz, Americo Facó, Irineo Filho, Julio Maciel, Mario Linhares, Rodrigues de Andrade, Soares Bulcão e outros muitos.

Nestas poucas palavras está feito o seu elogio.

Por uma gentileza peculiar ao joven poeta guardamos delle o bello soneto que, em seguida, transcrevemos, e que nos foi offertado, com expressiva dedicatoria.

E' a attestação solemne do seu talento, de sua ufanosa vida de fazedor de phrases, «vivendo entre a poesia e o sonho, sonho e poesia tão consoladores e bôas».

Eis o artistico quatorzeto:

SAGRADO ENLEVO

Tão lembrados de mim teus olhos trago,
Tanto ao prazer de em ti pensar me entrego
Que até de mim me esqueço e alheio—cego
Pela do sonho estrada de S. Thiago.

Velas desfraldo ao vento sobre o pego
Da Scisma, de ondas molles como um lago:
Nada importa ignorar quando naufrágo
Si sei que em doce paz hoje navego.

Senhora, a merecer-te o osculo amigo
Si é cantar, si é soffrer, a alma interrogo
E a alma:—canta-lhe o coração verdugo!

Tens, pois, meus versos lyricos comtigo...
Nelles exalço teu Poder e rogo
A graça de soffrer teu doce jugo!

*
* *

De Antonio Marrocos, de reputação firmada nas lettras juridicas, como advogado de incontestavel valor, sabemos que tambem cultiva a poesia, não sendo pequeno o numero de suas producções publicadas em jornaes e revistas do paiz.

Antonio Marrocos, de um certo tempo a esta parte, recolheu-se a uma vida privada e sedentaria, entregue hoje ao descanço do espirito, experimentando as doçuras de invejavel casa de campo, não tendo mais—para infelicidade do meio litterario da terra—contribuido com o seu forte auxilio para o desenvolvimento do mesmo, já como abalisado preceptor da mocidade, já como reputado jornalista que é, despendendo a energia de seu vasto preparo intellectual.

São suas as seguintes quadrinhas subordinadas ao titulo *Desillusão* e encontradas ao acaso:

«A rosa cheia de espanto
Disse um dia ao beija-flor:
—Para que me beijas tanto?
Ter-me-ás, acaso, amor?

Mas o beija-flor responde:
—Tem paciencia, querida;
O regaço teu esconde
O nectar que me dá vida.

Diz a rosa entristecida:
—Sáe de minha frente, sáe!
Vou tornar breve esta vida!...
De repente murcha e cáe».

O nosso perfilado tem ainda uma veia humoristica, e, por algum tempo, publicou uma serie de *Fabulas d'agua doce*, em jornal da zona do norte do Estado, o que muito agradou pela simplicidade da fórma, em estylo leve e ironico, analyzando typos e cousas da actualidade.

*
* *

E muitos outros filhos do berço e adoptivos do Ipú poderiam ser incluidos neste ligeiro estudo do seu meio intellectual, não sendo esquecidos os nomes dos jovens padre Gonçalo de Oliveira Lima, Manoel Ribeiro de Miranda, José Assis de Araujo, Oswaldo de Araujo, etc., intelligencias promettedoras, sem que, entretanto, tivessem dado até hoje prova cabal dos seus espiritos bem formados.

Do exposto podemos concluir com as seguintes palavras de Sylvio Roméro: «quaesquer que tenham de ser as desillusões que os destinos historicos lhe reservem, a nossa raça ha de sobreviver no futuro, e, lá bem longe, quando os sonhadores do passado houverem de rastejar o fio de ouro de nossas tradições, quando houverem de estudar o povo, não no ruido das batalhas e nas chicanas da politica, mas sim nas effusões da alma, nas energias do sentimento,» estes escriptos «hão de ser chamados a depôr, como documentos authenticos; porque nelles vive a grande alma deste paiz; porque nelles canta e folga, ou geme e chora este mixto de enthusiasmo e melancolia, de saudade e intrepidez, que é o genio lusitano transfigurado na America». (12)

Ipú, Janeiro, 1914.

EUSEBIO DE SOUZA.

---

(12) MELLO MORAES FILHO—*Festas e Tradições Populares do Brazil*—Prefacio de Sylvio Roméro, pag. XV.